A QUALIDADE MASSA/CONTÁVEL DOS NOMES DEVERBAIS

THE MASS/COUNT QUALITY OF DEVERBAL NOUNS

Maurício Resende[1]

RESUMO: este artigo investiga a qualidade massa/contável dos nomes deverbais, mais especificamente aqueles formados sem a presença de um sufixo com conteúdo fonológico. Para tanto, parte-se do paralelismo, encontrado na literatura, entre a qualidade massa/contável dos nomes deverbais e a acionalidade dos verbos dos quais esses nomes derivam. Este estudo conclui que predicações atélicas derivam nomes de massa e, por outro lado, predicados télicos originam nomes contáveis. Além disso, este trabalho defende que os dois tipos de nome estão sujeitos à coerção, empacotamento e moagem, e cada uma dessas operações está ligada com o tipo de interpretação que se dá ao predicado expresso pelo nome.

Palavras–chave: Qualidade massa/contável; Nomes deverbais; Acionalidade.

ABSTRACT: this paper investigates the mass/count quality of deverbal nouns, more specifically those formed without an overt phonological suffix. Thus, this work starts from the parallelism, found in the literature, between the mass/count quality of deverbal nouns and the Aktionsart of the verbs, which these nouns derive from. This study concludes that atelic predications derive mass nouns and, on the other hand, telic predicates form count nouns. Moreover, this paper argues that both types of nouns undergo the coercion, packing and grinding, and each one of these operations is bound to the type of the interpretation, which one gives to the predicate expressed by the noun.

Keywords: Mass/count quality; Deverbal nouns; Aktionsart.

INTRODUÇÃO

A qualidade massa/contável dos nomes tem sido tópico de grande debate entre os linguistas que visam explicar o comportamento, sobretudo, sintático-semântico dos nomes que aparecem em (1), principalmente no que concerne ao que, de fato, esses nomes denotam: se fazem referência a um único indivíduo, a uma espécie ou a um indivíduo massivo, por exemplo.

(1) a) Uma jaca é pouco para dez pessoas.
b) Jaca é uma fruta gosmenta.
c) Tinha jaca pra tudo quanto é lado depois que todo mundo comeu.

[1] Doutorando em Linguística, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas (SP). Correio eletrônico: mauri_cio_resende@hotmail.com.

Ao observar as sentenças em (1), é possível perceber o comportamento distinto de *jaca* no que toca à sua qualidade massa/contável a depender do expediente sintático em que aparece: nome contável em (a), espécie em (b) e nome de massa em (c). Muito tem se discutindo na literatura sobre o português brasileiro (doravante PB) a esse respeito, sobretudo, para nomes como *jaca*, *cachorro*, *menino* etc., isto é, nomes concretos. Entretanto, no que tange à qualidade massa/contável dos nomes abstratos, tais como *coragem*, *cor*, *honestidade*, e mais especificamente dos nomes (abstratos) deverbais, como *desejo*, *compra*, *conversa*, esse é um fenômeno que precisa ser melhor explorado.

No que toca a uma distinção entre nomes concretos e abstratos sob o prisma da qualidade massa/contável, Pelletier (2009) divide-os em quatro grupos[2], conforme (2).

(2) a) água, massa, cerveja, ouro (nome de massa concreto).
b) confiança, ajuda, inteligência, conhecimento (nome de massa abstrato).
c) cachorro, árvore, pai, biscoito (nome contável concreto).
d) crença, falha, proposta, problema (nome contável abstrato).

Partindo de (2), o objetivo deste artigo é discutir a qualidade massa/contável dos nomes abstratos, mais especificamente dos deverbais, ou seja, daqueles derivados de verbos. A respeito da denotação desse tipo de nome, Rocha (1999) distribui-os em duas classes, a saber, a nominalização *lato sensu*, que denota um instrumento (*cortador*), um lugar (*fumódromo*) ou um agente (*viajante*) de uma base verbal V, e a nominalização *stricto sensu*, que refere um ato (*o pulo*), um efeito (*o corte*), um processo (*o envio*), um estado (*o desejo*) ou um evento (*o grito*) de uma base verbal V.

Partindo dessa subdivisão, é possível perceber que nominalizações *lato sensu* se referem normalmente, por definição, a nomes concretos contáveis, por essa razão, este trabalho se dedica somente à categorização massa/contável das nominalizações *stricto sensu*, isto é, aquelas que fazem referência ao evento denotado pelo verbo (ou à parte dele).

Para a distinção massa/contável, Pelletier dispõe de alguns critérios já bastante recorrentes na literatura, quais sejam, do ponto de vista da sintaxe, sabe-se que nomes contáveis admitem numerais e quantificadores que pressupõem um método de contagem e, diferentemente dos nomes de massa, nomes contáveis, podem ser pluralizados. Exemplos desses critérios sintáticos são vistos em (3).

(3) a) três cachorros, várias falhas.
b) *três águas,[3] *várias ajudas.

Adicionalmente, Pelletier (2009) lança mão de critérios semânticos para a distinção entre nomes de massa e nomes contáveis; para o autor, nomes contáveis são verdadeiros objetos — isto é, entidades que são distintas umas das outras e, portanto,

[2] Cf.: Camacho & Pezatti (1996) para uma classificação alternativa à de Pelletier (2009).

[3] Não está sendo considerada para essa situação a operação semântica de empacotamento em que esse tipo de sintagma se tornaria gramatical, dada a existência de um contenedor socialmente convencionalizado como, por exemplo, *garrafa* para *água*, interpretando-se *três águas* como *três garrafas d'água*.

podem ser distinguidas e contadas — ao passo que nomes de massa são verdadeiras "substâncias" (*stuff*) — ou seja, são indivisíveis em sua referência; portanto, são entidades homogêneas.

Na literatura sobre os nomes de massa, entende-se que eles constituem entidades homogêneas por satisfazerem, conforme a nomenclatura de Pelletier (2009), a *Condição de Homogeneidade na Referência* (doravante CHR). Essa condição diz respeito à junção de duas propriedades: a de cumulação e a de divisão. A primeira tem relação com a característica dos nomes de massa que, ao serem (sub) divididos, mantêm a mesma referência no mundo; por exemplo, *terra* dividido em porções ainda é *terra*, assim como *conhecimento* dividido em porções ainda é *conhecimento*.

Por seu turno, "cumulação" se refere à propriedade inversa: quando uma porção de terra é adicionada a outra porção de terra o resultado é uma terceira porção de terra; igualmente, *conhecimento* somado a *conhecimento* continua sendo *conhecimento*. Nota-se que essa não é uma propriedade presente nos nomes contáveis, pois uma cadeira dividida em duas partes deixa de ser uma cadeira (perde sua referência), do mesmo modo que a soma de duas cadeiras tem referência distinta da de uma única cadeira, o que se aplica também a nomes contáveis abstratos como *proposta*.

Em síntese, pode-se entender que a CHR provoca restrições sintáticas quanto ao uso de determinantes e/ou à pluralização; contudo, existem mais propriedades em jogo no que toca à delimitação do ambiente sintático que nomes de massa e/ou nomes contáveis podem/devem aparecer. A literatura reconhece[4] dois tipos de operação semântica que ocorrem com os nomes, de maneira a manipular sua qualidade massa/contável, são elas as operações de empacotamento (*packing*) e de moagem (*grinding*).

No domínio nominal, a operação de empacotamento diz respeito à transformação de um nome de massa em um nome contável — seja pela sua delimitação em porções como em (4a), seja pela leitura que envolve um contenedor socialmente convencionalizado, possível em (4b) — e a operação de moagem toca à transformação de um nome contável em um nome de massa — quer pela sua indelimitação como em (5a), quer pela sua leitura de "substância que constitui x", o que se vê em (5b).

(4) a) Vi duas nuvens bem escuras no céu.

b) Pedro tomou três cervejas ontem na festa.

(5) a) É muito carro pra pouca garagem.

b) Carlinhos jantou e deixou pizza pra tudo quanto é lado.

Os exemplos vistos em (4) e (5) tratam de nomes concretos; todavia, as nominalizações *stricto sensu*, de interesse deste artigo, são, como já afirmado, nomes abstratos. Por essa razão, é possível que haja alguma diferença na aplicação mesma dessas operações nesse caso, já que, por exemplo, é menos transparente a ideia de delimitação ou de contenedor para esse tipo de nome.

---

4 Cf.: Brinton (1995), Camacho & Pezatti (1996), Pelletier (2009), Resende (2016), entre outros.

A RELAÇÃO ENTRE QUALIDADE MASSA/CONTÁVEL E ACIONALIDADE

Partindo da dificuldade da delimitação da referência para nomes deverbais abstratos, como comenta Brinton (1995), a literatura linguística reconhece que existe uma certa relação entre telicidade (no domínio verbal) e qualidade massa/contável (no domínio nominal), principalmente no que toca às propriedades anteriormente explicitadas, tais como a CHR.

Com relação à telicidade, sabe-se que essa propriedade está intimamente ligada à noção de acionalidade[5] das predicações verbais. Essa propriedade diz respeito à classificação dos eventos (expressos por predicados verbais) de acordo com suas propriedades temporais intrínsecas. Vendler (1967) entende que ela se refere ao modo como um predicado verbal esquematiza a noção do tempo; a partir disso, o autor distribui as predicações verbais em quatro classes acionais, a saber, estados, atividades, *accomplishments* e *achievements*.

Não há ainda um consenso entre os linguistas a respeito de quais são as propriedades temporais intrínsecas aos predicados verbais que caracterizam cada classe acional e que as distinguem entre si. De todo modo, dado que é necessário fazer uma escolha, este trabalho assume, seguindo Bertucci (2011), que as classes de Vendler (1967) se distinguem através das propriedades [±estágios] e [±télico]. As sentenças em (6) são exemplos desses predicados: estados (–estágios, –télico), atividades (+estágios, –télico), *accomplishments* (+estágios, +télico) e *achievements* (–estágios, +télico).

(6) a) Maria gosta de sua profissão.
b) A professora conversou com os alunos.
c) O professor calculou a raiz quadrada de 144.
d) O motoqueiro entregou a pizza para o cliente.

Com relação à interpretação das sentenças em (6), segundo essas propriedades, entende-se que predicações de estado, como em (6a), se definem por terem referência homogênea, com estágios iguais, [–estágios], já que qualquer parte de *gostar de sua profissão* é igual a *gostar de sua profissão*; além disso, predicados estativos não têm um fim inerente, um *telos*, [–télico], isto é, não há nada intrínseco a *gostar de sua profissão* que lhe garanta um fim, um ponto de culminação.

Em (6b), há um predicado de atividade, e esse predicado pressupõe estágios, [+estágios]; por exemplo, uma conversa é feita de, pelo menos, duas pessoas falando; nesse caso, então, a fala de uma pessoa seria uma fase da predicação verbal e a fala da outra pessoa, uma fase distinta. Com relação ao *telos*, é uma predicação atélica, pois não há nada inerente a *conversar* que lhe atribua um fim, ou seja, não há nada estritamente linguístico no predicado *conversar com os alunos* que garanta uma culminação para essa atividade.

Com (6c), está-se diante de um predicado de *accomplishment* que pressupõe estágios e para o qual se prevê um ponto de culminação, isto é, *calcular a raiz quadrada de 144* pressupõe um *telos*, qual seja, o de terminar o cálculo; a predicação verbal tem um objetivo, um fim intrínseco. Finalmente (6d) apresenta uma predicação de *achievement*

[5] Este artigo está empregando este termo como sinônimo do termo alemão *Aktionsart* e também como equivalente a "aspecto lexical".

que não contém estágios, pois é um evento que se dá em um único momento — instantâneo e pontual; além disso, é um evento télico, porque pressupõe um fim, no caso de (6d), a entrega da pizza. Para esse tipo de predicação, entende-se que o início e o término do evento recaem sobre a mesma instância temporal.

Partindo dessas asserções, no que tange à CHR, *gostar* e *conversar*, por exemplo, comportam-se como *terra*, pois a soma de diferentes porções de tempo de *gostar* continua sendo *gostar* (o que vale também para *conversar*), assim como duas porções (de tempo) de *gostar* não desencadeia mudanças no predicado de *gostar* (fato que se observa também para *conversar*). Nesse sentido, nomes de massa se assemelham a predicações atélicas (estados e atividades).

Por outro lado, nomes como *cadeira* são semelhantes a eventos como *calcular a raiz quadrada* ou *entregar a pizza*, quanto a CHR, já que diferentes porções de tempo de *calcular a raiz quadrada* não são equivalentes à totalidade do evento, da mesma maneira que diferentes instâncias temporais de *entregar a pizza* não têm a mesma referência que o evento inteiro. Nesse sentido, predicações télicas (*accomplishments* e *achievements*) comportam-se como nomes contáveis.

No que toca à natureza morfológica das nominalizações analisadas, Brinton (1995) mostrou que, em inglês, a presença do sufixo no nome pode impor restrições ao tipo da classe acional com que se combina e, consequentemente, com a sua qualidade massa/contável; por essa razão, este trabalho se debruça somente sobre as nominalizações *stricto sensu* que não apresentam sufixo com conteúdo fonológico, ou seja, a dos tradicionais derivados regressivos, tais como *fala*, *ataque* e *grito*.

Resende (2016) mostrou que esse tipo de nominalização preserva a acionalidade do verbo do qual deriva, isto é, um verbo estativo como *respeito* deriva um verbo estativo, como *respeitar*, da mesma maneira que um predicado verbal *accomplishment* como *analisar os dados* vai gerar um deverbal também de *accomplishment*, como *análise* (*dos dados*). Dessa forma, torna-se mais visível a relação entre a qualidade massa/contável dos nomes sobre o prisma da sua acionalidade.

A QUALIDADE MASSA/CONTÁVEL DOS NOMES DEVERBAIS

Brinton (1995) defende que, seguindo o paralelismo entre a qualidade massa/contável dos nomes e a acionalidade dos verbos, predicados atélicos (estados e atividades) formam nomes de massa ao passo que predicações télicas (*accomplishments* e *achievements*) derivam nomes contáveis. Assim, partindo de Carlson (1977), Brinton (1995) e Pelletier (2009), a verificação da qualidade massa/contável dos nomes refere-se basicamente à manipulação da pluralização e da quantificação. Então, seguindo o paralelismo, espera-se que nomes estativos e de atividade rejeitem a pluralização e a quantificação e, por seu turno, nominalizações *accomplishment* e *achievement* revelem incompatibilidade com o quantificador *muito* (compatível somente com nomes massivos, conforme os autores).

Assim, para nomes de estado, considera-se (7).

(7) a) **um desprezo, *um respeito, *um gosto, um desejo.*
b) **desprezos, *respeitos, *gostos, desejos.*
c) *muito desprezo, muito respeito, muito gosto, muito desejo.*

A partir de (7), é possível observar que, a rigor, nomes estativos não são compatíveis com *um/uma* nem tampouco com plural, afirmação que leva a concluir que eles são, de fato, nomes de massa (o que é verificado também pela boa formação com *muito*). Entretanto, *desejo* é um nome que responde contrariamente aos testes de quantificação e pluralização: ele está se comportando como um nome contável; para esse caso, então, houve coerção de sua qualidade massa/contável por meio da operação de empacotamento.

Resende (2016), no que respeita à coerção de um nome deverbal massivo em contável, advoga em favor da interpretação de limites indeterminados, operação esta que insere na referência limites arbitrários temporais ou espaciais de modo que *um desejo* diga respeito a, por exemplo, o ato de desejar alguma coisa por algum tempo ou ainda, como propõe Pires de Oliveira (2014), à personificação desse desejo.

No que concerne aos nomes de atividade,[6] observam-se os exemplos em (8).

(8) a) **um apoio*, **um conforto*, *uma conversa*, *uma briga*.
b) **apoios*, **confortos*, *conversas*, *brigas*.
c) *muito apoio*, *muito conforto*, *muita conversa*, *muita briga*.

Os sintagmas em (8) apresentam comportamento notavelmente não uniforme: *apoio* e *conforto* são incompatíveis com morfologia de plural e com quantificação[7], logo, são verdadeiros nomes de massa (o que é atestado também pela compatibilidade com *muito/muita*). Com relação a *uma conversa*, por outro lado, está-se diante da mesma situação de coerção, com a inserção de limites indeterminados, como mostrado para os estativos, em que há uma vaga limitação (temporal ou espacial) do predicado verbal.

Com relação aos nomes deverbais *accomplishment*, vê-se (9).

(9) a) *uma análise*, *um cálculo*, *uma pergunta*, *uma pesquisa*.
b) *análises*, *cálculos*, *perguntas*, *pesquisas*.
c) *muita análise*, *muito cálculo*, *muita pergunta*, *muita pesquisa*.

Os exemplos em (9a-b) atestam o comportamento de nome contável que os nomes de *accomplishment* apresentam, o que já era esperado, uma vez que derivam de predicações télicas. No que concerne a (9c), porém, em que há o comportamento típico de um nome de massa, ele é explicado pela operação de moagem (*grinding*). Todavia, no caso de nomes deverbais, "moer" um nome télico significa tirar os seus limites claros, tornando-o um nome de massa e, logo, um predicado atélico. Isso explica porque nominais nus e sem morfologia de plural transformam qualquer predicado em um predicado atélico[8].

Finalmente, no que toca a nomes deverbais *achievement*, consideram-se os exemplos em (10).

---

6 Não se está levando em "conta" nomes derivados de predicados de atividade semelfactivos, tais como *chutar* (*chute*), *pular* (*pulo*), *saltar* (*salto*) etc. Nesses casos, sem dúvida, os nomes derivados são contáveis. Cf.: cf.: : f.: Resende (2016) para uma discussão desses casos.

7 Não estão sendo consideradas sentenças com prosódia distinta sobre o quantificador, tais como em *João me deu um apoio, que olha...!*

8 Cf.: Bertucci (2011) e Resende (2016) para uma discussão desse fenômeno.

(10)a) *uma venda, uma compra, uma troca, uma entrega, uma quebra.*

b) *vendas, compras, trocas, entregas, quebras.*

c) *muita venda, muita compra, muita troca, muita entrega, *muita quebra.*

Os dados em (10) mostram que *venda*, *compra*, *troca* etc. dizem respeito a nomes contáveis, já que são compatíveis com pluralização e com quantificação. Nas situações em (10c), em que estes aparecem com *muito*, comportamento tipicamente atribuído aos nomes de massa, assim como para os *accomplishments*, entende-se que eles estão passando por um processo de moagem (ainda que nem todos eles se submetam à coerção, como é o caso de *quebra*).

EMPACOTAMENTO E MOAGEM DOS NOMES DEVERBAIS

Anteriormente foi mostrado que predicados atélicos derivam nomes de massa e predicações télicas formam nomes contáveis, ainda que esses dois tipos de nome estejam sujeitos à coerção. Camacho e Pezatti (1996) defendem que a distinção entre nomes massivos e contáveis é lexical e que tal categorização corresponde a um expediente sintático característico (nomes de massa não são compatíveis com pluralização etc.); entretanto, quando não há correspondência entre o nível lexical e o morfossintático (no caso de um nome de massa aparecer no plural, por exemplo), há a ocorrência de uma forma marcada do nome (em oposição à não marcada, que é quando a correspondência ocorre).

Assim, entende-se que nomes que descrevem predicados télicos são nomes contáveis e, por outro lado, nomes que denotam predicações atélicas são massivos. Contudo, tais asserções ainda não explicam por que existem certos nomes que pertencem à mesma classe acional e têm a mesma qualidade massa/contável, mas se comportam diferentemente quanto à coerção, como é o caso de alguns nomes de atividades, como indica (11).[9]

(11)a) Joãozinho deu uma surra no Pedro no final da aula.

b) *Joãozinho deu surra no Pedro no final da aula

c) *Ana deu um apoio para a amiga terminar o casamento.

d) Marta deu conforto para a amiga depois do fim do casamento.

É verdade que nomes de massa não se combinam bem com quantificação, o que explica a agramaticalidade de (11c), mas isso não fornece explicação de por que (11b) é agramatical já que se trata também de um nome de massa de atividade, nem tampouco de por que (11a) é compatível com a operação de indeterminação de limites ao passo que (11c) não é.

Carlson (1977), com vistas a explicar o comportamento dos nomes abstratos, diferentemente de Pelletier (2009), não lança mão da qualidade massa/contável, mas

[9] Nesses casos, estão sendo considerados dialetos em que o uso do artigo é bastante produtivo e corrente. Essas sentenças podem, no entanto, apresentarem discrepâncias quanto aos juízos de aceitabilidade/gramaticalidade para falantes de dialetos em que o uso do artigo é mais enxuto, tais como o baiano, por exemplo.

prefere tratar da distinção entre nomes contáveis e não contáveis. Partindo disso, o autor assume que os nomes abstratos se dividem em três subclasses, a saber, (i) nomes abstratos contáveis, tais como *cor*, *ciência* e *virtude*; (ii) nomes abstratos não contáveis: *vagueza*, *significância* e *precisão*; (iii) nomes próprios abstratos, como *três* e *setembro*, igualmente não contáveis.

Para o autor, o fato de existirem nomes abstratos que podem ser contados deve-se a uma relação de continência — hiperonímia — em que um nome abstrato contém (ou representa) um conjunto de outros nomes abstratos relacionados à ideia de "tipos de" — interpretação que Brinton (1995) atribui à operação de empacotamento. Assim, por exemplo, *virtude* é um nome abstrato, mas pode-se falar em *virtudes*, no plural, dada a existência de tipos de virtude, tais como *gratidão*, *honestidade*, *sabedoria* etc. Tal interpretação igualmente vale para *cor* e *ciência*.

Essa é uma evidência para classificá-los como nomes contáveis ou, conforme propõe o autor, como nomes que apresentam uma contraparte contável. Diferentemente, nomes como *coragem* são nomes abstratos que não contêm em si a noção de "tipos de", logo, não faz sentido falar em "*coragens*" com essa interpretação. Para o autor, nomes das subclasses (ii) e (iii) são sempre nomes não contáveis.

Carlson (1977) defende que isso se dá não porque não há tipos de coragem, mas porque existem certos nomes abstratos — por exemplo, os das classe (iii) apresentada anteriormente — que não são constituídos semanticamente por propriedades que podem apresentar uma contraparte contável — tais como *cor* › *azul*, *amarelo*, *vermelho* etc. De todo modo, Carlson mostra que existem certos nomes abstratos que, via de regra, não apresentam uma contraparte contável, mas que, quando empregados com certos modificadores, disparam uma leitura de "tipo de", isto é, são nomes que não mantêm uma relação de hiperonímia com outros nomes (assim como *ciências* › *tipos de ciência*), mas que aceitam, por exemplo, determinante, como mostram os exemplos em (12).

(12) a) Aquele guerreiro demonstrou coragem.

b) *Aquele guerreiro demonstrou uma coragem.[10]

c) Aquele guerreiro demonstrou uma coragem jamais vista antes.

Nas sentenças anteriores, é possível perceber que *coragem* não é um nome contável, pois não se combina bem com determinantes, como atesta (12b); no entanto, (12c) revela que se *coragem* estiver sendo qualificado com a acepção de *um tipo de coragem* (no caso, *uma jamais vista antes*) a presença do determinante fica justificada e seu uso licenciado. Para aqueles que advogam em favor da existência de uma qualidade massa/contável, está-se diante de uma operação de coerção de um nome de massa que dispara essa interpretação.

Porém, a operação de empacotamento provoca diferentes efeitos semânticos dependendo do nome abstrato, uma afirmação que encontra convergência em Brinton (1995) quando a autora sustenta que a coerção para nomes contáveis tem muito mais

[10] Novamente, não está se levando em consideração a interpretação exclamativa — com prosódia diferente sobre *uma* — que tornaria essa sentença aceitável em alguns contextos, como em "Aquele guerreiro demonstrou uma coragem!".

irregularidades do que a operação inversa: a de moagem. Assim, para alguns nomes, como já mostrado, ocorre a inserção de limites indeterminados que licencia o emprego de determinantes, como para algumas predicações atélicas de atividade exemplificadas por *uma surra*, *uma conversa* etc.

No tange à interpretação de limites indeterminados nos nomes de massa (de atividades), entende-se que eles coincidem com algum dos estágios do predicado; por exemplo, em *conversar*, a fala de cada pessoa corresponde a um estágio; em *xingar*, cada "ofensa" corresponde a um estágio; em *brigar*, cada "agressão" corresponde a um estágio, e assim sucessivamente. O caso é que há certos nomes como *ajuda*, por exemplo, em que nem sempre é fácil o reconhecimento dos estágios para que se imponham "esses limites", como atesta (13a); entretanto, se cada estágio de *ajudar* for entendido como *fazer alguma coisa*, isso se torna possível, como em (13b).

(13) a) *Maria deu ajuda no mutirão de limpeza da igreja.
b) Dá uma ajuda aqui, Maria!

Por outro lado, para outros nomes abstratos, a coerção em nome contável desencadeia a interpretação de "tipos de", de modo que seja possível qualificar essas predicações e, por consequência, contá-las, o que licencia o emprego do determinante. Isso pode ser visto no contraste de gramaticalidade entre (14) e (15),[11] com estruturas sintáticas que sejam compatíveis com *um/uma*.

(14) a) *Ana deu um apoio para a amiga terminar o casamento.
b) *Maria deu uma ajuda no mutirão de limpeza da igreja.

(15) a) Ana deu um grande apoio para amiga terminar o casamento.
b) Maria deu uma ajuda enorme no mutirão de limpeza da igreja.

Como foi possível perceber, todas as sentenças se tornaram gramaticais devido ao acréscimo do adjetivo, que garantiu a leitura de *tipos*, licenciando o uso do determinante. Isso ocorre porque, como observa Lyons (1999), determinadas interpretações de (in)definitude requerem, às vezes, expedientes sintáticos específicos. Essa é uma propriedade que se aplica, inclusive, a nomes de massa estativos, como se vê em (16) em contraste com (17).

(16) a) *João tem um respeito pelo professor.
b) *Marta tem um desprezo pela ex-namorada de Pedro.

(17) a) João tem um respeito grande pelo professor.
b) Marta tem um desprezo enorme pela ex-namorada de Pedro.

Pela gramaticalidade das sentenças em (17), observa-se que um determinante pode aparecer com nomes massivos desde que com o expediente sintático adequado (ainda que provocando a operação de empacotamento).

[11] Novamente, é preciso estar sensível às diferenças dialetais com relação ao emprego do artigo.

CONCLUSÃO

Como foi possível observar, existe uma relação entre a qualidade massa/contável dos nomes deverbais (pelo menos, daqueles sem sufixo com conteúdo fonológico) e a acionalidade dos verbos dos quais esses nomes derivam: predicações atélicas formam nomes de massa e predicados télicos formam nomes contáveis; esses casos constituem ocorrências lexicalmente não marcadas dos nomes quanto a essa propriedade.

Não obstante, tanto nomes deverbais massivos quanto contáveis estão sujeitos à coerção, ou seja, à ocorrência marcada, em que não há correspondência entre os níveis lexical e morfossintático. A possibilidade de coerção está intimamente ligada com a semântica da predicação verbal no que diz respeito à interpretação que se dá a ela de modo a licenciar o empacotamento ou a moagem.

A operação de moagem acarreta a perda do *telos*, de maneira que um nome que antes denotava um predicado télico passa a descrever uma predicação atélica (e tal operação está disponível, a rigor, para qualquer nome deverbal contável). Por seu turno, a coerção por empacotamento pode provocar dois tipos de interpretação: a de limites indeterminados e a de *tipos de*.

A interpretação de limites indeterminados está disponível, via de regra, para qualquer predicação atélica cujos estágios estejam suficientemente visíveis a fim de que seja possível cindir a predicação arbitrariamente (no tempo, no espaço ou por personificação) de modo a obter uma unidade delimitada de uma predicação atélica. Adicionalmente, a leitura de tipos independe da visibilidade dos estágios, mas está contingenciada à ocorrência de um expediente sintático específico, assim fica licenciado o uso de, por exemplo, determinantes tanto para nomes estativos como de atividades.

REFERÊNCIAS

BERTUCCI, Roberlei Alves. **Uma análise semântica para verbos aspectuais no português brasileiro**. 2011. 202f. Tese (Doutorado em Linguística) —Universidade de São Paulo, São Paulo.

BRINTON, Laurel J. The Aktionsart of deverbal nouns in English. In: BERTINETTO, Pier Marco; BIANCHI, Valentina; HIGGINBOTHAM, James; SQUARTINI, Mario (Eds.). **Temporal reference, aspect and acionality**. Tormo: Rosenberg & Sellier. pp. 27-45. 1995.

CAMACHO, Roberto Gomes; PEZATTI, Erotilde Goreti. Nomes contáveis e não contáveis. **Alfa**. São Paulo. v. 40. pp. 59-74. 1996.

CARLSON, Gregory Norman. **Reference to kinds in English**. 1977. 507 f. Tese (Ph.D. em Linguística) — Universidade de Massachusetts, Massachusetts.

LYONS, Christopher. **Definiteness**. Cambridge: Cambridge University, 1999.

PELLETIER, Francis Jeffry. Mass terms: a philosophical introduction. In: ___ (Ed.). **Kinds, things, and stuff**: mass, terms and generics. Oxford: Oxford University. pp. 123-131. 2009.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. **Dobras e redobras do singular nu**: costurando a semântica através das línguas. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 2014.

RESENDE, Maurício Sartori. **Derivação regressiva e construções com verbos leves**: um estudo sobre aspecto lexical. 2016. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

ROCHA, Luiz Carlos Assis. A nominalização no português do Brasil. **Estudos linguísticos**. Belo Horizonte. v. 8. n. 1. pp. 5-51. jan./jul. 1999.

VENDLER, Zeno. Verbs and times. In: ____. **Linguistics in philosophy**. Ithaca: Cornell University, pp. 97-121. 1967.